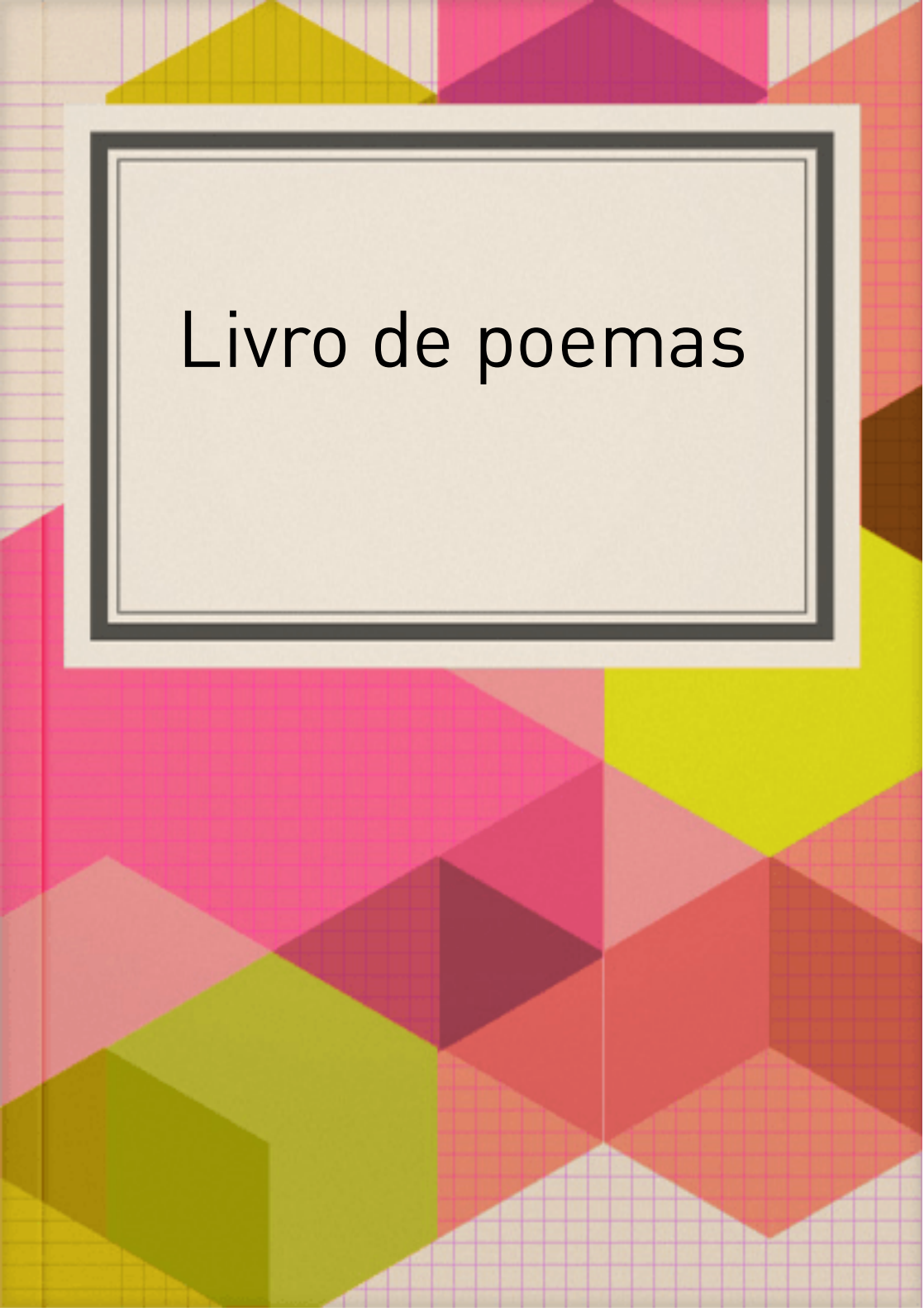




Livro de poemas

ARCADISMO

XCVIII (SONETOS) [DESTES PENHASCOS FEZ A NATUREZA

Destes penhascos fez a natureza O berço, em que nasci: oh quem cuidara, Que entre penhas tão duras se criara Uma alma terna, um peito sem dureza!

Amor, que vence os tigres, por empresa Tomou logo render-me; ele declara Contra o meu coração guerra tão rara, Que não me foi bastante a fortaleza.

Por mais que eu mesmo conhecesse o dano, A que dava ocasião minha brandura, Nunca pude fugir ao cego engano:

Vós, que ostentais a condição mais dura, Temei, penhas, temei; que Amor tirano, Onde há mais resistência, mais se apura.

Cláudio Manuel da Costa

BARROCO

Soneto a Nosso Senhor

Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado, Da vossa alta clemência me despido; Porque quanto mais tenho delinquido Vos tem a perdoar mais empenhado.

Se basta a voz irar tanto pecado, A abrandar-vos sobeja um só gemido: Que a mesma culpa que vos há ofendido, Vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma ovelha perdida e já cobrada Glória tal e prazer tão repentino Vos deu, como afirmais na sacra história.

Eu sou, Senhor a ovelha desgarrada, Recobrai-a; e não queirais, pastor divino, Perder na vossa ovelha a vossa glória.

Gregório de Matos Guerra

CLASSICISMO

Verdes são os campos

Verdes são os campos, De cor de limão: Assim são os olhos
Do meu coração.

Campo, que te estendes Com verdura bela; Ovelhas, que nela
Vosso pasto tendes, De ervas vos mantendes Que traz o Verão,
E eu das lembranças Do meu coração.

Gados que pasceis Com contentamento, Vosso mantimento
Não no entenderéis; Isso que comeis Não são ervas, não: São
graças dos olhos Do meu coração.

Luís de Camões

HUMANISMO

Amor o Quis assim

Agravos de Colopêndio Pois Amor o quis assi, que meu mal tanto me dura, não tardes triste ventura, que a dor não se doi de mi, e sem ti não tenho cura.

Foges-me, sabendo certo que passo perigo marinho, e sem ti vou tão deserto que, quando cuido que acerto, vou mais fora de caminho. Porque tais carreiras sigo, e com tal dita naci nesta vida, em que não vivo, que eu cuido que estou comigo, e ando fora de mi.

Quando falo, estou calado; quando estou, entonces ando; quando ando, estou quedado; quando durmo, estou acordado; quando acordo, estou sonhando; quando chamo, então respondo; quando choro, entonces rio; quando me queimo, hei frio; quando me mostro, me escondo; quando espero, desconfio.

Não sei se sei o que digo, que cousa certa não acerto; se fujo de meu perigo, cada vez estou mais perto de ter mor guerra comigo. Prometem-me uns vãos cuidados mil mundos favorecidos, com que serão descansados; e eu acho-os todos mudados em outros mundos perdidos.

Já não ousa de cuidar, nem posso estar sem cuidado; mato-me
por me matar,

onde estou não posso estar sem estar desesperado. Parece-
me quanto vejo Tudo triste com razão: cousas que não vem nem
vão essas são as que desejo, e tôdas pena me dão.

Eu remédio não no espero, porque aquela, em que me fundo,
pera mi, que tanto a quero, tem o coração de Nero pera me tirar
do mundo.

Gil Vicente, in 'Antologia Poética'

MANEIRISMO

Coração, Olha o que Queres

MOTE

Coração, olha o que queres: Que mulheres, são mulheres...

VOLTAS

Tão tirana e desigual Sustentam sempre a vontade, Que a quem lhes quer de verdade Confessam que querem mal; Se Amor para elas não val, Coração, olha o que queres: Que mulheres, são mulheres...

Se alguma tem afeição Há-de ser a quem lha nega, Porque nenhuma se entrega Fora desta condição; Não lhe queiras, coração, E senão, olha o que queres: Que mulheres, são mulheres...

São tais, que é melhor partido Para obrigá-las e tê-las, Ir sempre fugindo delas, Que andar por elas perdido; E pois o tens conhecido, Coração, que mais lhe queres? Que, em fim, todas as mulheres!

Francisco Rodrigues Lobo

MODERNISMO

Tecendo a Manhã

Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos. De um que apanhe esse grito que ele e o lance a outro; de um outro galo que apanhe o grito de um galo antes e o lance a outro; e de outros galos que com muitos outros galos se cruzem os fios de sol de seus gritos de galo, para que a manhã, desde uma teia tênue, se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos, se erguendo tenda, onde entrem todos, se entretendendo para todos, no toldo (a manhã) que plana livre de armação. A manhã, toldo de um tecido tão aéreo que, tecido, se eleva por si: luz balão.

João Cabral de Melo Neto

PARNASIANISMO

A ESTÁTUA

Fosse-me dado, em mármore de Carrara, Num arranco de gênio
e de ardimento, Às linhas do teu corpo o movimento
Suprimindo, fixar-te a forma rara,

Cheio de força, vida e sentimento, Surgira-me o ideal da pedra
clara, E em fundo, eterno arroubo, se prostrara, Ante a estátua
imortal, meu pensamento.

Do albor de brandas formas eu vestira Teus contornos gentis;
eu te cobrira Com marmóreo cendal os moles flancos,

E a sôfrega avidez dos meus desejos Em mudo turbilhão de
imóveis beijos As curvas te enrolara em flocos brancos.

Teófilo Dias

QUINHENTISMO

Pe. José de Anchieta

Jesus na manjedoura

- Que fazeis, menino Deus, Nestas palhas encostado?

- Jazo aqui por teu pecado. - Ó menino mui formoso,

Pois que sois suma riqueza, Como estais em tal

pobreza? - Por fazer-te glorioso E de graça mui

colmado, Jazo aqui por teu pecado. - Pois que não

cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino, Que vos fez tão

pequenino? - O amor me deu este véu, Em que jazo

embrulhado, Por despir-te do pecado. - Ó menino de

Belém, Pois sois Deus de eternidade, Quem vos fez de

tal idade? - Por querer-te todo o bem E te dar eterno

estado, Tal me fez o teu pecado.

NATURALISMO

'Pobre Amor''

"Calcula, minha amiga, que tortura! Amo-te muito e muito, e, todavia, Preferira morrer a ver-te um dia Merecer o labéu de esposa impura!

Que te não entorneça esta loucura, Que te não mova nunca esta agonia, Que eu muito sofra porque és casta e pura, Que, se o não foras, quanto eu sofreria!

Ah! Quanto eu sofreria se alegrasses Com teus beijos de amor, meus lábios tristes, Com teus beijos de amor, as minhas faces!

Persiste na moral em que persistes. Ah! Quanto eu sofreria se pecasses, Mas quanto sofro mais porque resistes!"

Aluísio de Azevedo

REALISMO

Livros e flores

Teus olhos são meus livros. Que livro há aí melhor,
Em que melhor se leia A página do amor?

Flores me são teus lábios. Onde há mais bela flor, Em
que melhor se beba O bálsamo do amor?

Machado de Assis

RENASCIMENTO

Vou de Suspiros Todo este Ar Enchendo

Vou de suspiros todo est' ar enchendo, vou a terra de
lágrimas regando, mais água aos rios, mais às fontes
dando, e com meu fogo em tudo fogo acendo.

E quando os olhos meus, senhora, estendo para onde
o Amor e vós m'estais chamando, as altas serras em
qu' os vou quebrando da vista me tolher s' estão
doendo.

Mas nisto acode Amor, que sempre voa; eu pelas asas,
eu pelo arco o tenho, té me levar consigo onde desejo.

E jurarei, senhora, que vos vejo, jurarei qu' essa doce
voz me soa. Nesta imaginação só me sustenho.

António Ferreira,

ROMANTISMO

Desprezo

Esta alma que insultaste se revolta! Em sua viuvez
erma e vazia Nem sombra guardará de tua imagem
Tanto amor que por ti ela sentia. Não há de lhe
arrancar, nem mais um canto, Que não seja apagado
por meu pranto. Como a flor a beleza loga murcha; A
tua há de murchar em poucos anos; Quando a ruga da
face anunciar-te Da velhice aos tristes desenganos
Quando de ti já todos esquecidos Nem te olharem,
meus versos serão lidos. Talvez um dia o mundo
caprichoso Procure, nobre dama, algum vestígio Da
mulher que meus livros inspirava; Não achará porém
de teu fastígio, Senão traços de lágrima perdida
Arcano d'uma dor desconhecida. O tempo não respeita
altiva fronte A riqueza, o braço, tudo consome. Um
dia serás pó e nada mais; Ninguém se lembrará nem
de teu nome; Mas para que de ti reste a memória,
Mulher, no meu desprezo eu dou-te a glória.

José de Alencar

SIMBOLISMO

Soneto

Canta teu riso esplêndido sonata, E há, no teu riso de
anjos encantados, Como que um doce tilintar de prata
E a vibração de mil cristais quebrados.

Bendito o riso assim que se desata - Citara suave dos
apaixonados, Sonorizando os sonhos já passados,
Cantando sempre em trínula volata!

Aurora ideal dos dias meus risonhos, Quando, úmido
de beijos em ressábios Teu riso esponsa, despertando
sonhos...

Ah! Num delíquio de ventura louca, Vai-se minh'alma
toda nos teus beijos, Ri-se o meu coração na tua boca!

Augusto dos Anjos

TROVADORISMO

CANTIGA DA RIBEIRINHA

No mundo ninguém se assemelha a mim Enquanto a vida continuar como vai, Porque morro por vós e - ai! - Minha senhora alva e de pele rosadas, Quereis que vos retrate Quando eu vos vi sem manto. Maldito seja o dia em que me levantei E então não vos vi feia!

E minha senhora, desde aquele dia, ai! Tudo me ocorreu muito mal! E a vós, filha de Dom Paio Moniz, parece-vos bem Que me presenteeis com uma guarvaia, Pois eu, minha senhora, como presente, Nunca de vós recebera algo, Mesmo que de ínfimo valor.

Paio Soares de Taveirós